



Caderno de Formação

Caderno n° 1

EMPOWERMENT

Introdução

Por ocasião da Assembleia Internacional AIC 2002, as voluntárias presentes aprovaram as linhas operacionais 02-06.

Estas linhas operacionais compreendem três orientações principais :

- o “empowerment”
- o reforço institucional
- a corresponsabilidade social.

Este primeiro caderno de formação tem por finalidade principal abordar o tema de nossa primeira linha operacional : o EMPOWERMENT. É o resultado dum processo encetado há muito tempo pela AIC, a saber, a passagem da

assistência à promoção, à autopromoção e à participação dos destinatários.

Na primeira parte, definiremos o conceito do empoderar.

Na segunda parte, veremos como aplicar esta noção ao trabalho das voluntárias AIC e daremos alguns exemplos de oficinas e experiências concretas que nos permitirão aplicar este conceito a nosso trabalho.

Enfim, analisaremos o conceito de empoderar sob o ponto de vista de São Vicente de Paulo.

É preciso saber que o conceito de empoderar, desde os anos 70, é um objeto de investigação e de reflexão para reduzir a pobreza e realizar o

SUMARIO

- √ Introdução
- √ Empowerment : o conceito, o processo
- √ Empowerment na AIC
- √ Experiências concretas
- √ «Vocês disseram empoderar? »
- √ São Vicente de Paulo e o empowerment

« Empowerment » é uma palavra inglesa difícil de ser traduzida. Por isso é que a estamos utilizando dessa maneira (empowerment=empoderar), a fim de evitar qualquer confusão.

desenvolvimento durável. Nosso objetivo prioritário é trabalhar para que as pessoas em situação de pobreza se tornem atores, co-responsáveis com toda a sociedade, na luta contra as desigualdades e as injustiças, dois obstáculos muito significativos no caminho para a paz.

Sabemos que a autopromoção e a participação dos destinatários são estritamente ligadas à mudança individual de cada uma de nós, voluntárias ; o processo de empoderar nos propõe trabalhar junto para definir melhor nossa identidade, quando encontramos pessoas que vivem em situação de pobreza.

◊ Conceito

O conceito de empowerment pode definir-se como o processo graças ao qual se reconhece em alguém o poder de desenvolver-se a partir de seus próprios recursos e soluções,

para conseguir ser o autor de toda ação de mudança, pessoal e social. É um processo através do qual se deseja aumentar a liberdade de escolher, de agir, de tomar decisões, especialmente todas as que afetam nossa vida.

Para chegar a isso, é preciso liberar o poder interno de cada um de nós, ou seja, liberar o conhecimento, a experiência, as motivações, os recursos que cada um possui em si mesmo. Isto implica dar poder a todos os que participam do processo de desenvolvimento.

O processo de empoderar é uma ferramenta de formação e de trabalho que pode convir à relação pessoal entre as voluntárias e os destinatários, é um pilar do método de São Vicente para toda sorte de projetos, desde a visita domiciliar até os grandes projetos específicos.

O empoderar permite reequilibrar o poder na relação com o outro.

“Para chegar a isso, é preciso liberar o poder interno de cada um de nós”

◊ empoderar na AIC

Para a AIC, aplica-se este conceito com o fim de:

Promover e reforçar as ações que permitem o empoderar tanto das voluntárias AIC quanto das pessoas que fazem parte dos projetos.

Quando fazemos referência às pessoas que vivem em situação de pobreza, sabemos que suas opções são limitadas. É uma das características de um déficit do empoderar, o que se deve ao fato dessas pessoas não terem suficiente acesso aos recursos, nem ao “poder de decisão” concernentes a esses mesmos recursos.

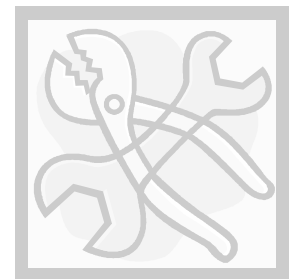
É por isso que, como membros da AIC, devemos compreender quanto é importante propor todas as alternativas possíveis. Assim as pessoas serão capazes de escolher, de tomar suas próprias decisões e de encontrar suas próprias soluções por si mesmas.

Quando falamos de em-

poderar, não queremos dizer que aquele que detém o poder pode transmiti-lo aos outros ; mas que é preciso criar as condições adequadas e necessárias para que todos nós possamos aspirar a desenvolver plenamente nossas potencialidades.

Em nosso trabalho de voluntárias, estabelecemos relações com pessoas em situação de pobreza que, em muitas ocasiões, não favorecem o processo do empoderar. Facilmente caímos em situações de « paternalismo », criando, por consequência, uma dependência evidente.

O processo do empoderar não pode ganhar espaço de maneira unilateral, ou seja, não posso facilitar o processo do empoderar para os outros e ficar como espectadora, é indispensável que eu tome uma parte ativa no meu próprio processo do empoderar. É por isso que para nós, voluntárias AIC, é muito importante estarmos conscientes dos obstá-



... mas que é preciso criar as condições adequadas e necessárias para que todos nós possamos aspirar a desenvolver plenamente nossas potencialidades

»



**Algumas
questões que
nos permitirão
um
posicionamento
no processo do
empoderar.**

culos que encontraremos ao pôr em prática o empoderar.

Em nossos grupos e, sobretudo, na realização de projetos, é preciso buscar constantemente ações que favoreçam tanto nosso empoderar, enquanto voluntárias, quanto o das pessoas que vivem em situação de pobreza.

Algumas questões que nos permitirão um posicionamento no processo do empoderar.

No plano pessoal :

- Que significa ser voluntária AIC ?
- Qual é minha imagem como voluntária ?
- Que poder tenho eu em minha relação de voluntária com uma pessoa em dificuldade ?

No que concerne às pessoas desfavorecidas:

- Que significa a pobreza para mim (como me seria possível explicá-la a alguém) ?
- Interesse-me pela

história (no montante e na avaliação do momento de crise) da pessoa desfavorecida ?

- Qual é o lugar que deixo realmente ao entorno familiar e aos outros atores próximos da pessoa ?
- De onde vêm as soluções propostas à pessoa desfavorecida ? Como são propostas ou organizadas as respostas ?
- Em que medida a pessoa está implicada na busca de soluções ?
- Qual é o papel da pessoa no tratamento das informações a ela concernentes ?

No que concerne a minha associação :

Como utilizo as capacidades, as riquezas, as idéias das outras voluntárias do grupo ?

Elementos importantes a levar em conta :

Em todas as situações

que atingem sucesso com o empoderar, encontram-se sempre os seguintes elementos:

- facilitar o acesso à informação,
- incluir os destinatários nos projetos e fazê-los participar deles.

Facilitar o acesso à educação e à formação.

Um dos meios para fazer progredir o empoderar é o de ter acesso aos processos educativos e à informação. Para fazer isso é preciso fornecer espaços de iniciativa e de co-responsabilidade e buscar liberar os conhecimentos, a experiência e as motivações de cada pessoa para, assim, ser capaz de atingir os objetivos propostos.

As pessoas bem informadas são aquelas que estão bastante preparadas para experimentar as oportunidades, tomar as melhores decisões e obter os melhores

resultados na realização dos projetos. Daí a importância de facilitar a formação concernente ao próprio projeto e a informação que poderia favorecer a situação concernente ao tema do projeto.

Partilhar a informação permite à pessoa:

- Ser capaz de descobrir um modo melhor de agir em sua situação;
- sentir-se confiante e, portanto, implicada no projeto;
- ter em suas mãos todos os elementos necessários para tomar a melhor decisão;
- abandonar o ciclo do paternalismo e do assistencialismo, sentir-se encorajada a desenvolver seu senso de responsabilidade e, em conseqüência, ser protagonista de seu próprio desenvolvimento.

Em toda parte onde há trocas e partilha, pode-

se ter acesso à informação. Por exemplo, durante reuniões, seminários, encontros de formação. Este acesso à informação pode ser facilitado por métodos tais como as discussões em grupos, os debates, os contos, o teatro ou todos os outros meios culturais próprios a um país.

As novas tecnologias da informação e da comunicação são atualmente facilitadoras no processo de informação.

Incluir os destinatários nos projetos e fazê-los participar deles.

Incluí-los faz referência à questão: QUEM?

Fazê-los participar faz referência à questão: COMO?

Para que o processo do empoderar possa ter lugar, é fundamental incluir os que tradicionalmente se encontram excluídos, quando se estabelecem as prioridades e quando



Por isso é de importância vital que estejamos nós também dispostas a experimentar o processo do empoderar, para poder sair dos velhos esquemas e estabelecer relações de equidade

se tomam as decisões. Não apenas para aproveitar ao máximo os recursos, mas sobretudo para obter um verdadeiro engajamento na comunidade. Quando os destinatários do projeto estão convencidos de que suas necessidades e prioridades são exatamente os objetivos do projeto, obtém-se um verdadeiro engajamento da parte deles. É também mais provável que consigam ultrapassar as dificuldades que sobrevierem durante o desenvolvimento do próprio projeto.

Com muita freqüência, é preciso mudar o esquema dos projetos, criando espaços onde as pessoas desfavorecidas poderão participar, direta ou indiretamente, no estabelecimento dos objetivos prioritários, na concepção do projeto, assim como na distribuição dos recursos, no desenvolvimento e na própria evolução.

Seguramente, não é simples estabelecer estas novas relações no

interior dos projetos, sobretudo quando diversos atores trabalham por um mesmo projeto. Por isso é muito importante estabelecer, clara e previamente, as estratégias a aplicar, em caso de conflito.

Assegurar a participação das pessoas que vivem em situação de pobreza na realização de projetos não é coisa fácil. Com efeito, por repetidas vezes e por muito tempo, fomos nós, as voluntárias AIC, as únicas responsáveis a tomar as decisões. Por isso é de importância vital que estejamos nós também dispostas a experimentar o processo do empoderar, para poder sair dos velhos esquemas e estabelecer relações de equidade em todos os projetos.

Na definição dum projeto no qual se quer obter independência e autonomia para os destinatários, é importante levar em conta os seguintes pontos :

- a pessoa deve ser o centro de atenção e ser plenamente

respeitada, ou seja, deve-se dar-lhe a liberdade e o espaço necessários, para que ela possa desenvolver-se completamente, segundo suas capacidades e qualidades. Isso significa que é preciso assumir suas responsabilidades e estabelecer uma relação equilibrada (equilíbrio entre os direitos e os deveres);

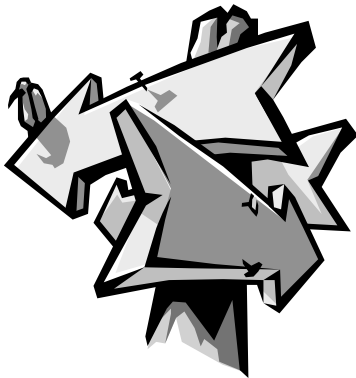
- conhecer-se melhor a si e aos outros, tentando fazê-lo do modo mais objetivo possível ;
- praticar uma escuta plena e recíproca, envolvendo todos os atores, ou seja, abandonar toda forma de autoritarismo, de exploração, de manipulação, etc. ;
- promover ativamente a pessoa, ou seja, criar as condições propícias para o melhor desenvolvimento possível de seus talentos naturais e adquiridos. Obtém-se

isso, aceitando-a como é (ajudando-a a afirmar-se), infundindo-lhe confiança, oferecendo-lhe apoio, respeito, encorajamento, etc.

Seguramente, não é possível passar num só golpe do controle à liberdade completa. É preciso progredir gradualmente até um esquema no qual as funções e os poderes se deleguem, no qual as pessoas definam seus objetivos, proponham ações e também novos papéis. Desta maneira, os destinatários são também responsáveis pelos resultados do projeto comum. Mesmo que seja preciso fixar limites, graças a essas novas relações de equidade, as dirigentes voluntárias não mais decidem as ações a serem cumpridas, apenas e de preferência tornam mais fácil a decisão dos destinatários, quando lhes fornecem as ferramentas. Estes poderão, portanto, tomar sua vida em suas próprias mãos.



Respeitar o ritmo de cada um é um dos pontos mais difíceis a seguir neste processo



É importante que nós, voluntárias AIC, aprendamos a aceitar idéias e propostas diferentes das nossas.

É importante acompanhar os destinatários neste processo de autonomia e de independência, oferecendo-lhe credibilidade e confiança e, sobretudo, respeitando seu ritmo. Só assim cada qual poderá desenvolver suas capacidades e tomar sua vida em suas mãos. Respeitar o ritmo de cada um é um dos pontos mais difíceis a seguir neste processo, dando-se que, com frequência, este ritmo será mais lento que o nosso.

O objetivo do processo do empoderar é que o destinatário chegue, pouco a pouco, a tornar-se independente das voluntárias. Desse modo, quando ele se confronta com uma dificuldade, ele não pede mais automaticamente ajuda, mas tenta, por si mesmo e antes de tudo, encontrar uma solução.

Quando os valores dum projeto comum são claros e « as regras do jogo » são bem definidas, é mais fácil tomar decisões. Assim,

tanto as voluntárias quanto os destinatários sabem que direção tomar, eles têm uma base comum para dialogar, negociar, avaliar e, desse modo, tudo se inscreve no quadro dum projeto comum. Por isso é importante fazer **avaliações** periódicas com todos os atores, e apresentar questões tais que :

- Como você se sente ?
- Você tem mudanças a propor ?
- Você está de acordo com as conseqüências das ações conjuntas ?, etc.

É importante que nós, voluntárias AIC, aprendamos a aceitar idéias e propostas diferentes das nossas.

Nosso slogan « Contra as pobrezas, agir juntas », que nos une e nos dinamiza, como membros da AIC, interpela-nos sobre a dignidade das pessoas e sua liberação, sobre nossa responsabilidade na construção dum mundo mais justo.

Nossa associação deve esforçar-se, com tenacidade e audácia na inovação, com simplicidade e humildade, para ser espaço preferencial onde tanto os membros AIC quanto os destinatários poderão encontrar os meios necessários para seu desenvolvimento pessoal, num verdadeiro processo do empoderar que permita uma real transformação da associação (diante das pobreza) e da sociedade.

Pistas para realizar o empoderar

As práticas ou ações seguintes têm por objetivo principal favorecer o processo do empoderar.

Se bem que o processo do empoderar não possa ser assimilado numa única oficina (pois ele implica toda uma mudança pessoal), as oficinas abaixo propostas se baseiam na busca da superação de si mesmo. É uma ferramenta para reforçar as diversas etapas que são necessárias para chegar ao empoderar. Estas etapas são : a confiança

em si, a estabilidade emocional e econômica autoconhecimento do contexto social.

Em nível psicológico :

As oficinas concebidas para favorecer o empoderar no referente aos sentimentos de estima de si, de confiança em si são necessárias como afirmação, por ocasião da tomada de decisões.

- Oficinas sobre a estima de si : melhorar nosso autoconhecimento, valorizar-nos para enfrentar a vida com dignidade , simplicidade e força.
- Oficinas de prevenção da violência contra as mulheres : sensibilizar-nos diante das situações de toda sorte de violências contra as mulheres, para lutar por relações de equidade.
- Oficinas sobre o desenvolvimento humano: buscar reforçar nosso SER estando convencidas de que só o crescimento pessoal nos permitirá

enfrentar nossa realidade e encontrar soluções para nossos conflitos.

- Oficinas sobre a tomada de palavra.
- Oficinas sobre a formação à escuta.

Em nível dos conhecimentos :

A atenção está centrada sobre a compreensão das realidades econômicas, políticas, sociais e culturais.

- Oficinas sobre a educação ao desenvolvimento, a educação popular, a solidariedade internacional, a compreensão dos meios de comunicação, etc.

Em nível econômico :

Estas oficinas explicam a importância de haver atividades que geram recursos econômicos e que asseguram um certo nível de independência econômica.

- Formação técnica na utilização da informática e da Internet.
- Formação em atividades manuais : promover o aprendizado de atividades

tais como : artesanato, costura e cozinha que permitem melhorar os rendimentos familiares.

- Realização dos microcréditos : outorgar um pequeno empréstimo para uma atividade comercial lucrativa que permita aumentar o rendimento familiar.

EXPERIÊNCIAS CONCRETAS

I. Itália

Situação: Uma família de imigrantes muçulmanos se apresenta em nosso centro de acolhida e solicita uma ajuda financeira, uma assistência médica e um acompanhamento escolar para os filhos que não falam a língua do país.

Primeiro modo de ação	Segundo modo de ação (empowerment)
<p>As voluntárias AIC se dão conta das dificuldades da família e constataam a realidade seguinte :</p> <ul style="list-style-type: none"> • esta família de 6 pessoas habita ilegalmente um alojamento de dois pequenos cômodos; • os pais querem trabalhar, mas não encontram emprego ; • a mãe tem necessidade de cuidados médicos e injeções; • a família tem muitas dificuldades para aprender a nova língua ; • os dois filhos, na escola primária, têm necessidade dum apoio para aprender a língua; • os dois filhos mais jovens deveriam ser acolhidos numa creche. 	<p>As voluntárias AIC se dão conta das dificuldades da família e agem para responder imediatamente à demanda dum ajuda médica ; trazem um pequeno apoio financeiro temporário que deverá acabar quando os pais acharem um emprego.</p> <p>Elas têm vários encontros com a mãe, encorajam-na a explicitar suas dificuldades e a imaginar por si mesma soluções possíveis.</p> <p>A mãe e as voluntárias formulam juntas um projeto com os seguintes objetivos :</p> <ul style="list-style-type: none"> • inscrever duas crianças na creche As voluntárias acompanham a mãe à creche, mas elas só intervêm quando há problemas de língua. i • ajudar as crianças maiores a aprender a língua A mulher pede que as lições sejam dadas em casa ; assim, ela também poderá ouvir e aprender;

Primeiro modo de ação	Segundo modo de ação (empowerment)
<p>Após muitos encontros, as voluntárias decidem empreender as ações seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • oferecer a ajuda médica quando necessária, pois o dispensário AIC está sempre aberto; • acompanhar a mãe à creche para apoiar seu pedido de aceitação das crianças; • achar trabalhos pontuais para os pais ; • inscrever os pais numa escola de línguas para estrangeiros ; o aprendizado da língua facilitará a busca dum trabalho e lhes permitirá estabelecer relações sociais no bairro. 	<ul style="list-style-type: none"> • encontrar um trabalho para o pai da família <p>Elas analisam juntas as dificuldades que ele encontra e se dão conta de que o problema principal é o não-domínio da língua. As voluntárias apóiam a mulher a fim de que ela incentive seu marido a freqüentar à noite a escola de línguas. Para o marido, o fato de dever freqüentar uma escola em sua idade é sentido como uma humilhação e esta situação provoca discussões e incompreensões entre eles.</p> <p>A mulher decide que ela, finalmente, irá freqüentar a escola, podendo, assim, achar um trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> • achar um trabalho para a mãe <p>A mulher é capaz de costurar e pensa poder fazer pequenos trabalhos : ela escreve pequenos anúncios em sua língua e em italiano e os distribui aos alunos do curso de italiano. Ela recebe algumas ofertas de trabalhos e começa a ganhar um pouco de dinheiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • comunicar a seu marido sua experiência escolar e de trabalho <p>Apoiada e encorajada pelas voluntárias, a mãe decide que é importante falar com as crianças na nova língua. O marido, sentindo-se excluído e humilhado diante dos filhos, decide-se, enfim, a ir à escola de línguas.</p>

Primeiro modo de ação	Segundo modo de ação (empowerment)
<p>Após alguns meses, a situação é a seguinte :</p> <ul style="list-style-type: none"> • a mãe vai regularmente ao dispensário, mas, após o primeiro mês, ela chega em horários diferentes daqueles das voluntárias; • após algumas semanas, os pais abandonaram a escola de línguas, pois não se sentiam à vontade e eles não sabem como pôr as crianças na creche; • a mãe acompanhou as voluntárias à creche para inscrever seus filhos menores ; • encontrar um trabalho é problemático, notadamente por causa da língua; • as voluntárias trazem um pequeno apoio financeiro à família e ajudam as crianças escolarizadas nas lições. <p>Nem a família, nem as voluntárias estão satisfeitas com a evolução da situação.</p>	<p>Ele começa a conhecer pessoas, entra em contato com as voluntárias, ganha pouco a pouco confiança e conta-lhes suas dificuldades. Torna-se possível fazer um projeto, com ele, para a busca de trabalho.</p> <p>Após alguns meses, a situação é a seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • as crianças mais novas freqüentam a creche e aprenderam a comunicar-se com as outras crianças e os monitores. • Os mais velhos têm bons progressos na escola. • A mãe recebe mais propostas de trabalho ; ela está satisfeita com o que ganha e com as relações estabelecidas por ela. • O pai faz pequenos trabalhos e busca ativamente um emprego fixo para sustentar a família. Graças a um conhecimento melhor da língua, ele participa dum grupo esportivo no bairro. Seu caminho não terminou ainda, mas agora ele está mais preparado para enfrentar as dificuldades.

II. EXPERIÊNCIA CONCRETA:

Situação: Uma família composta pelo pai, sem emprego, a mãe e três crianças na escola de 10, 8 e 6 anos. Esta família foi indicada para a AIC pela escola, que constatou problemas financeiros : parece que a única refeição completa das crianças é a que fazem na escola. Ademais as crianças nunca têm o material didático requerido. Uma primeira visita em domicílio evidenciou que a família estava atrasada no pagamento do aluguel, do gás e da eletricidade. A casa é cuidada e limpa, mas há poucos móveis, só os básicos. As voluntárias decidem apoiar esta família e empreendem a seguinte ação :

Primeiro modo de ação	Segundo modo de ação (empowerment)
<p>As voluntárias falam com o casal, escutam sua história e decidem :</p> <ul style="list-style-type: none">• Procurar um trabalho fixo para o pai. <p>Pagar um pouco dos atrasados do aluguel (o que elas mesmas o fazem).</p> <p>Dar roupas às crianças para não se sintam mal na escola.</p> <p>As voluntárias encontram a seguir um trabalho para a mãe, como empregada em uma família.</p> <p>As voluntárias pensam também ajudar a família, estabelecendo um acordo com os proprietários da casa para reembolsar a dívida mediante quantias mínimas mensais, a fim de que a família possa enfrentar por si mesma os pagamentos.</p> <p>Tudo parece andar bem.</p>	<p>As voluntárias falam com o casal, escutam sua história e juntos fazem um projeto, evidenciando os objetivos em função das prioridades.</p> <ul style="list-style-type: none">• o pai deve encontrar um trabalho <p>As voluntárias ajudam o pai a descobrir em qual trabalho tem mais competências. Elas o ajudam a redigir um curriculum vitae e lhe assinalam serviços aos quais ele deve endereçar-se, para encontrar possibilidades de trabalho. As voluntárias o apóiam, deixando-o tomar a decisão de apresentar-se ou não à entrevista e de aceitar ou não a proposta.</p> <ul style="list-style-type: none">• achar um trabalho de meio período para a mãe <p>As voluntárias ajudam a mãe a descobrir entre suas atividades cotidianas aquelas que ela gostaria de fazer como trabalho. A mãe decide que ela pode trabalhar quando as crianças estão na escola ; desejaria fazer um trabalho de passar roupas.</p>

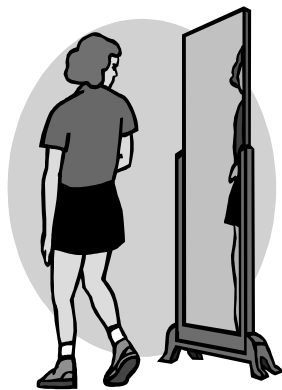
Primeiro modo de ação	Segundo modo de ação (empowerment)
<p>Após alguns meses, a situação é a seguinte :</p> <ul style="list-style-type: none"> • O pai está de novo desempregado, pois o trabalho proposto não correspondia às suas reais capacidades. Isso lhe causava um mal-estar psicológico importante. • A mãe aceita mal o trabalho de doméstica, com sofrimento e humilhação, mas continua a fazê-lo para poder assumir em seu nome a dívida do aluguel. <p>As voluntárias procuram melhorar a situação, buscando um outro trabalho para o pai. Deram-lhe novos móveis para tornar a casa mais acolhedora.</p>	<p>Juntas, elas elaboram um projeto no qual a mãe determina os dias e as horas que pode dedicar a essa atividade. As voluntárias a apóiam nessa busca de trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> • pagar as dívidas <p>As voluntárias avaliam com o casal as possibilidades de reembolsar a dívida do aluguel e se põem de acordo sobre o pagamento regular duma pequena quantia fixa. A mesma coisa é feita com as dívidas do gás e da eletricidade.</p> <p>Após alguns meses, a situação é a seguinte :</p> <ul style="list-style-type: none"> • O pai tentou diversos trabalhos e enfim encontrou um fixo de que gosta e está muito satisfeito. • A mãe trabalha numa lavanderia três tardes por semana. • A família decidiu que o salário da mãe será destinado a reembolsar a dívida do aluguel. Ela pede agora uma ajuda para sustentar as crianças na escola.

Nos dois exemplos, constata-se que, na situação que favorece o empoderar, cada membro da família pôde fazer valer suas capacidades e competências. O casal pôde adquirir ferramentas para enfrentar as dificuldades e construir novas escolhas de vida.

Nessa maneira de proceder, as pessoas serão, provavelmente, capazes de aplicar «novas estratégias», para enfrentar eventuais problemas similares no futuro.

« Vocês disseram Empoderar? »

Resumo da exposiçaos de Patricia Fontaine, psicóloga (out. 2002)



Questionar-nos sobre nossa imagen como voluntárias

O empoderar, nova etapa que vai mais longe que a autopromoção, é um processo que permite reconhecer em cada um o poder de se desenvolver.

Antes de tudo, o empoderar é um conceito difícil de traduzir, em nossa língua, caso não se queira, primeiramente, reduzir seu sentido. Ele engloba um processo de reflexão, necessita ganhar distância em relação a nosso trabalho cotidiano como voluntária.

O empoderar : um processo difícil, para ser construído a cada dia.

Agir, trabalhar, viver dentro do sentido do empoderar não é coisa fácil que se possa improvisar de um dia para outro. A boa vontade não é suficiente, com

freqüência uma mudança de hábitos se faz necessária. É uma ferramenta de reflexão, de trabalho e de formação contínua.

Ele implica uma « inversão » de poder dos ajudantes aos ajudados. Os ajudantes « autorizam » os ajudados a retomar o poder sobre sua vida e os dois tomam consciência de que ambos tirarão proveito disso.

A noção de processo que se alia ao empoderar indica bem que se trata de alguma coisa que se constrói pouco a pouco.

Para construir este processo, há dois obstáculos :

A imagem que temos do público com o qual trabalhamos :

No caso das pessoas idosas, a velhice não apaga em nada toda a

experiência da vida, um « pobre velhinho » é um adulto, num outro período de sua vida. Dar-lhe uma ajuda não implica saber o que é bom para ele.

Não se pode resumir toda a identidade da pessoa que encontramos pelo qualificativo de « pobre ». O fato de ser pobre não lhe tira a capacidade de gerir sua vida e de ter alguma coisa a dizer sobre seu futuro. Ele desenvolveu, por exemplo, capacidades de sobrevivência e de força muito interessantes.

Quando se está em crise, há ao mesmo tempo uma oportunidade e um perigo.

Precisamos reconhecer suas competências.

Nossa própria imagem de benfeitora :

Por que me engajei na benemerência ? Com que direito ousou afirmar que posso ajudar o outro e encontrar solução para seus problemas ? É bom para nós sentirmo-nos indispensáveis, mas, apesar de ser duro admitir, por vezes, um pouco de reconhecimento faz bem. Esta atitude perigosa é que nos impede, pois, de reconhecer o poder do público com o qual trabalhamos. São eles que têm os cordéis de sua vida.

Quando um de nossos projetos, em que pusemos todo nosso coração, fracassa, em vez de ficarmos decepcionadas por aqueles por quem trabalhamos, devemos nos perguntar se esse projeto era justamente o deles. Correspondia ao projeto deles ?

Crise, decisão, escolha de vida

Muitas vezes, nossa intervenção se situa num momento de crise

para sua pessoa.

Associar a noção de empoderar ao momento particular em que a pessoa se confronta com escolhas, escolhas de vida, implica interessar-se no que se passa no conjunto e na avaliação deste momento que poderia ser visto como uma crise num sentido mais amplo. Quando se está em crise, há ao mesmo tempo uma oportunidade e um perigo.

No momento da crise, será preciso estar atento ao modo como se tomam as decisões. A crise toca a rede na qual estão estas pessoas e vai tocar também os que intervierem neste momento.

Qual é a escolha real dos públicos envolvidos ? Como lhes passar as informações necessárias, para que efetuem as escolhas que, por vezes, se impõem a eles ? Como se respeitam suas decisões ?

Para poder escolher, é importante possuir informações que

permitam fazer escolhas com conhecimento de causa.

- Como acessar esta informação, onde buscá-la ?
- Sabe-se o que é bom para eles ?

Esta posição de « sabe-se o que é bom para eles » pode remeter-nos, de uma vez, à imagem que temos destas pessoas (pessoas que têm necessidade de cuidados, de ajuda, de acompanhamento, que não sabem mais...) e à nossa própria identidade, à imagem que temos de nós mesmos. Se nossa única maneira de ser, na relação de ajuda que estabelecemos com o outro, é a de controlar tudo, de saber melhor que o outro, de reforçar nossa posição de poder, pelo simples fato de que o outro tem necessidade de nós, será difícil encarar o reequilíbrio do poder, em nossa relação com o outro.

Não é sempre tão evidente reconhecer e respeitar as escolhas, as

p e s s o a s marginalizadas, as decisões que tomam, num determinado momento, dar-lhes a palavra, pois « sabe-se bem o que é preciso para elas ».

Ora, fazer suas próprias escolhas permite-lhes preservar sua auto-estima. É preciso perguntar-se sobre o que é importante para a pessoa, para evitar o perigo da ingerência. Toda escolha torna aquele que a faz agente de sua própria vida.

As pessoas não são circunstâncias

É importante interessar-se pela história de vida da pessoa : seu percurso, suas raízes.

É preciso respeitar bem o direito à confidência.

Não é preciso que nossa intervenção marque uma ruptura na vida dessas pessoas. Cada pessoa está inserida numa rede familiar, de proximidade, de interferências. Pessoa não sai duma ilha d e s e r t a . Se conhecemos a rede na qual evolui a pessoa, ser-nos-á mais fácil propor soluções que evitarão golpear essas

redes com nossas intervenções.

Devemos interrogar-nos, sem cessar, sobre a pertinência das soluções que propomos, perguntar àquele, que queremos ajudar, em que pensa e escutar bem sua resposta, para avaliar a verdadeira medida de suas ações.

Patricia Fontaine propôs-nos : « aprender a falar da pessoa com a pessoa, em termos bastante respeitosos, para que a pessoa compreenda e se sinta respeitada e importante ».

Extatos da revista das Equipes S. Vicente (AIC-França) 1-2003



São Vicente de Paulo e o empoderar

Diante deste desafio, nós nos posicionamos como cristãos e membros da AIC :

- São Vicente de Paulo tem alguma coisa a ver com o que chamamos empoderar ?
- Como considerava os pobres ?
- Que nos ensinam suas relações com os pobres ?

São Vicente realizou ações marcadas pelo « empoderar ». Para ele isso era uma ferramenta de formação para estabelecer uma relação entre os ajudantes e ajudados.

São Vicente de Paulo nos diz que os pobres têm necessidade de ser salvos, mas, ao mesmo tempo, são eles que nos salvam. No âmago desta relação, temos mutuamente

necessidade uns dos outros. Os pobres nos evangelizam « é entre eles, entre essas pobres pessoas que se encontra a verdadeira religião » (SV XI, 201/ES XI, 120).

São Vicente busca sempre as expressões da caridade que vão bem mais longe que o paternalismo denunciado por João Paulo II^o : « ...imaginação da caridade, que favorece não só a eficácia das ajudas trazidas mas também a capacidade de fazer-se próximo dos que sofrem, para que o gesto de ajuda seja sentido, não como uma esmola, mas como uma partilha fraterna. » (TMI, N^o 50).

São Vicente estava convencido de que toda pessoa possui uma riqueza e uma força interior capaz de transformá-la e de transformar sua realidade. É preciso conhecer esta riqueza e dela exigir tudo o que possa dar, porque não é a mesma para todos, « toda pessoa carrega em seu coração uma

pérola preciosa, um tesouro escondido ». Trabalhar para descobrir em nós mesmos e entre os outros este tesouro escondido só é possível quando existem relações sãs e respeitadas que conduzem a valorizá-lo e a pô-lo a serviço dos outros com um grande sentimento de responsabilidade.

A simplicidade e a humildade de São Vicente são a chave duma relação de respeito aos outros. Só assim é possível reconhecer a dignidade da pessoa e as condições para desenvolver suas próprias capacidades.

Ao ver como Vicente de Paulo entra em relação com os pobres, podemos dizer que ele possui qualidades evidentes :

- de ESCUTA
- de RESPEITO
- de RELAÇÕES DE EQUIDADE com os outros.

São Vicente nos ensina a escutar com simplicidade as necessidades e realidades das pessoas que ele encontra sobre o caminho e a achar soluções com elas. Ele nos mostra que é preciso poder escutar com humildade as « dores sociais » que sofrem os pobres : marginalização, discriminação, todas estas relações de poder desiguais que impedem a liberdade de assumir suas próprias responsabilidades, de exprimir idéias, de tomar as decisões que afetam sua própria vida.

A simplicidade e a humildade de São Vicente são a chave duma relação de respeito aos outros.



Uma associação essencialmente feminina organizada mundialmente, contando mais de 150.000 voluntárias, com 6.000 equipes locais em 50 países.

Fundada por S. Vicente de Paulo em 1617 para combater todas as formas de pobreza e de injustiça e para dar às mulheres um papel social ativo e reconhecido, dentro de um espírito de solidariedade.

Editora responsável : Agnès Dandois

Tel. 32 (0) 10 45 63 53

Fax 32 (0) 10 45 80 63

E-Mail : aic@euronet.be

WWW.famvin.org/aic



Colaboraram neste número :

Redação :

*Marina Costa,
Agnès Dandois,
Myriam Magnoni,
Cristina Reyna,
Graciela Rios,
AIC-France*

Traduções :

*Bénédicte
de Bellefroid,
Hélène Buschen,
Marta Esser,
Carla Ferrario,
Eunice Martins,
Anne Sturm*

Paginação :

Béatrice Dupriez